

Resumos

20ª Semana de Enfermagem

DO GRUPO DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
E DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFRGS

11 a 13 de maio de 2009
Anfiteatro Carlos César de Albuquerque

"SUS e Enfermagem:
responsabilidade coletiva
no cuidado à saúde."



2009



**GRUPO DE ENFERMAGEM DO
HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL**



**"SUS e Enfermagem:
responsabilidade coletiva
no cuidado à saúde."**

12 a 13 de maio de 2009

Local

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Porto Alegre – RS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)**Presidente:** Amarilio Vieira de Macedo Neto**Vice-Presidente Médico:** Sérgio Pinto Ribeiro**Vice-Presidente Administrativo:** Tanira Andreatta Torelly Pinto**Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação:** Nadine Oliveira Clausell**Coordenadora do Grupo de Enfermagem:** Maria Henriqueta Luce Kruse**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)****Reitor:** Carlos Alexandre Netto**Vice-reitor:** Rui Oppermann**ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RGS (EE-UFRGS)****Diretora:** Liana Lautert**Vice-diretora:** Eva Neri Rubim Pedro**Projeto gráfico, ilustração e diagramação:** Gleci Beatriz Luz Toledo**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO-CIP
BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM, UFRGS, Porto Alegre, BR-RS**

S471s Semana de Enfermagem (20. : 2009 : Porto Alegre)

SUS e enfermagem : responsabilidade coletiva no cuidado à saúde : resumos 2009 [recurso eletrônico] / promoção e realização Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul ; coordenadora da Semana de Enfermagem Virginia Leismann Moretto. – Porto Alegre : HCPA, 2009.

1 CD-ROM

1. Enfermagem – Eventos. 2. Educação em enfermagem. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Grupo de Enfermagem. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Moretto, Virginia Leismann. IV. Título.

NLM: WY3

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes - CRB 10/463

BRINQUEDO TERAPÊUTICO NAS UNIDADES PEDIÁTRICAS: UMA PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO PELOS ENFERMEIROS

Maria Lúcia de Castro Pastro, Nair Regina Ritter Ribeiro

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

mlucia_mental@yahoo.com.br

Introdução: A pediatria é repleta de peculiaridades e a mais apaixonante delas, com certeza, é o brincar. Perceber a importância do lúdico é de fundamental importância para trabalhar-se com a criança, pois é através dele que além de divertir-se, ela interage com o mundo e se expressa. O brincar está impregnado nas unidades pediátricas, desde o modo como agem os profissionais até a infra-estrutura das mesmas, enfatizando a preocupação dos hospitais em manter o hábito de brincar e cooperar para um desenvolvimento adequado, amenizando a hospitalização. As brinquedotecas já são realidade nos hospitais, também o brincar está inserido na prática dos profissionais, mas isto não é uma rotina padronizada das unidades pediátricas, é um brincar espontâneo (FRAGA, 2005). O Brinquedo Terapêutico surge como instrumento utilizado para facilitar e amenizar procedimentos realizados durante a internação hospitalar infantil, regulamentado pela resolução N°295/2004 do Conselho Federal de Enfermagem que tem como estratégia a utilização da brincadeira, aproximando o cuidado de enfermagem à realidade infantil (BRASIL, 2004). Mesmo sendo de extrema importância para proporcionar melhor relação entre enfermeiros e crianças hospitalizadas e ainda diminuir o sofrimento destas, o brinquedo terapêutico ainda não é uma realidade na maioria das cidades brasileiras e existem poucos estudos sobre esta temática. As crianças em idade pré-escolar e escolar estão mais suscetíveis ao lúdico devido a fase do desenvolvimento em que se encontram. O sofrimento causado pela hospitalização das mesmas é importante, já que o medo do desconhecido e o egocentrismo são características destas fases. A hospitalização surge, para a criança, como um fator estressante em diversos aspectos. Segundo Ribeiro e Angelo (2005), caracteriza-se em lidar com um corpo doente, com a dor e mal-estar, restrições, separação do cotidiano e de seus entes queridos. Além disso, a criança convive com um mistério não revelado, pois os procedimentos e exames diagnósticos são, neste contexto, um mistério no qual ela não compreende o que acontece com seu corpo que é constantemente manipulado pelas pessoas do hospital. Neste contexto entra em contato com objetos estranhos a seu mundo (estetoscópios, otoscópios, esfigmomanômetros) o que contribui para uma sensação de perda do controle das situações. O comportamento do profissional influencia também o comportamento da criança durante a hospitalização, visto que “A forma como essa experiência é manejada pela equipe hospitalar aliada à incapacidade da criança pré-escolar em lidar com o abstrato [...] fazem com que se apresente à ela de difícil compreensão, portanto misteriosa e aterrorizante” (RIBEIRO; ANGELO, 2005, p. 395) e quanto mais misteriosa e aterrorizante, mais traumatizante e difícil de ser aceita. Biz (2001) ao contextualizar as necessidades da criança portadora de doença crônica, que necessita de múltiplas internações, descreve-a como alguém que não sofre temor, comparada aquela que nunca estivera em um hospital. Isto evidencia o medo do desconhecido e a distorção dos acontecimentos através da imaginação daquele que não experienciou tal evento. O lúdico surge, então, como elemento produtor de vínculo entre enfermeiro e criança e de um

cuidado individualizado e humanizado. Acredita-se que há preocupação com os efeitos do ambiente no desenvolvimento humano, a hospitalização é, sem dúvida, uma dessas preocupações no contexto infantil. Além da mudança ambiental, de casa para o hospital, a criança depara-se com a separação de seus objetos pessoais, amigos e família, perdendo referências, submetendo-se a procedimentos dolorosos (CARVALHO; BEGNIS, 2006). O enfermeiro deve aliviar as tensões da hospitalização infantil através do preparo da criança e de seus familiares para enfrentar procedimentos, reduzindo surpresas e fazendo com que a criança sinta-se apoiada. Caso a preparação não ocorra, a criança pode sentir-se magoada e perder a confiança na equipe de saúde (ZAMO; ALMOARQUEG; SCHENKEL, 1997). No brincar a criança assume papel ativo frente à sua doença, deslocando para o externo seus medos, angústias e problemas. Ele permite que ela resgate seu lado sadio através da recreação e possa viver repetitivamente situações incompreendidas, dolorosas (CECCIM, 1997). Cintra, Silva e Ribeiro (2006) dividem a brincadeira em dois tipos: a recreacional e a terapêutica. A recreacional é aquela na qual a criança obtém prazer, interação e participa de forma espontânea. A terapêutica seria aquela que busca o bem-estar físico e mental em uma situação conflitante, incomum. A brincadeira terapêutica divide-se ainda em: ludoterapia e brinquedo terapêutico. Estas duas subdivisões diferem-se, pois, a primeira, é uma técnica utilizada para facilitar a compreensão dos sentimentos e atitudes da criança em sofrimento psíquico. A segunda é realizada para tranquilizar a criança em situações atípicas para a idade, geralmente ameaçadoras, que necessitam ser resolvidas/elaboradas (CINTRA; SILVA; RIBEIRO, 2006). Portanto, estas duas medidas podem e devem estar sendo utilizadas para amenizar o sofrimento de uma internação hospitalar para a criança, porém, o brinquedo terapêutico vai além, sendo “um recurso facilitador da intervenção de enfermagem [...] seu principal objetivo é favorecer ao profissional a compreensão das necessidades da criança” (CINTRA; SILVA; RIBEIRO, 2006 p. 498). Para Ribeiro, Sabatés e Ribeiro (2001) o brinquedo terapêutico possui quatro funções: a primeira é de expressar sentimentos angustiantes; a segunda é de repetir experiências traumáticas através de dramatização para compreendê-las; a terceira é de transformar o ambiente hospitalar em algo parecido com o lar; e a quarta é de devolver o controle da situação vivenciada para a criança. As sessões de Brinquedo terapêutico devem ser realizadas em ambiente tranquilo e com tempo suficiente. Segundo Collet e Oliveira (2002) o ideal é uma duração de 15 a 45 minutos antecedendo os procedimentos. A enfermeira deve incorporar o brincar no plano de cuidados respeitando a fase do desenvolvimento no qual se insere a criança, atentando que nem sempre a faixa etária determina a fase do desenvolvimento da criança. O tempo gasto pelo enfermeiro com a aplicação do brinquedo terapêutico, muitas vezes, não supera aquele gasto com o convencimento da criança em realizá-lo ou com a sua realização sem colaboração da criança. É preciso que o enfermeiro perceba que a hospitalização é, também, uma forma de aprendizado e de desenvolvimento para a criança e que ele é a peça principal desta jornada, contribuindo para a diminuição do sofrimento e para o aprendizado mútuo.

Objetivo: Este trabalho teve por objetivo construir uma proposta de utilização do Brinquedo Terapêutico como estratégia facilitadora para realização de procedimentos de enfermagem em crianças com idade pré-escolar e escolar hospitalizadas. **Metodologia:** Este trabalho se caracteriza como um projeto de desenvolvimento para a construção de uma proposta de utilização do brinquedo terapêutico como estratégia facilitadora para realização de procedimentos de enfermagem em crianças em idade pré-escolar e escolar

amenizando o sofrimento da hospitalização. Projetos de desenvolvimento são precedidos de revisão de literatura e tem por finalidade trazer propostas de modificação da prática profissional através de conhecimentos gerados na pesquisa (GOLDIM, 2000) Este estudo culminou em uma proposta de utilização do brinquedo terapêutico em unidades de pediatria para facilitar a relação enfermeiro pediátrico e crianças em idade pré-escolar e escolar amenizando o sofrimento diante da hospitalização. A pesquisa foi realizada através de busca de publicações na base de dados SciELO, bem como livros e artigos do sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SABI). Primeiramente foram encontrados 242 artigos com os descritores. Destes, foram selecionados 16 artigos para leitura e 7 para utilização por apresentarem relevância ao estudo. O Brinquedo terapêutico é um instrumento utilizado por enfermeiros para preparar a criança para os procedimentos de enfermagem diminuindo, assim, o sofrimento diante destes.

Resultados: A escolha das fases do desenvolvimento infantil pré-escolar e escolar deve-se ao fato de que estas estão mais suscetíveis ao lúdico e sofrem de maneira peculiar a uma hospitalização. O projeto passou pelas fases de revisão de literatura e seleção de procedimentos de enfermagem para construção de brinquedos adequados para utilização nas sessões de brinquedo terapêutico, finalizando com a proposta de utilização destes nas unidades pediátricas. Neste trabalho, após a revisão dos procedimentos de enfermagem em pediatria foram selecionados os seguintes procedimentos: Administração de medicamentos por via intramuscular, Administração de medicamentos via intravenosa com cateter periférico e Cateterização Urinária de demora. Ao final, foram criados os brinquedos “Montagem de blocos: cenas hospitalares”, “Jogo da vida no hospital”, “Boneco modelo para a administração de medicação Intramuscular (IM)”, “Boneco modelo para a administração de medicação Intravenosa (IV) e ”Boneco modelo para a cateterização urinária de demora” para as fases pré-escolar e escolar. **Considerações:** A implantação desta proposta depende, sem dúvida, do empenho do enfermeiro que trabalha com crianças e do entendimento acerca das temáticas, brinquedo terapêutico e desenvolvimento infantil. Inicialmente podem surgir algumas dificuldades existentes, mas estas podem ser contornadas com conhecimento adequado e dedicação. O brinquedo terapêutico permite que enfermeiro e criança hospitalizada caminhem juntos para um objetivo maior, compreendendo-se e ajudando-se mutuamente. Além disso, é uma grande forma de realizar-se educação em saúde para com as crianças, promover segurança e vínculo.

Descritores: Criança Hospitalizada, Enfermagem Pediátrica, Jogos e Brinquedos.

Referências:

1. BIZ, Adriane Souza. A interação lúdica entre criança e enfermeira: ações e percepções. 2001. 135 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
2. BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução n. 295/2004, de 24 de outubro de 2004. Dispõe sobre a utilização da técnica do brinquedo/brinquedo terapêutico pelo enfermeiro na assistência à criança hospitalizada, 2004.
3. CARVALHO, Alysson Massote; BEGNIS, Juliana Giosa. Brincar em unidades pediátricas. Psicologia em estudo, Maringá, v.11, n. 1, p. 109-117, 2006.
4. CECCIM, Ricardo Burg. Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta à vida. In: CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta à vida. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.
5. CINTRA, Sílvia Maira Pereira; SILVA, Conceição Vieira da; RIBEIRO, Circéia Amália. O ensino do brinquedo/brinquedo terapêutico nos cursos de graduação em enfermagem no Estado de São Paulo. Rev. bras. enferm. , Brasília, v. 59, n. 4, p. 497-501, 2006.

6. COLLET, Neusa; OLIVEIRA, Beatriz Rosana G. Manual de Enfermagem em Pediatria. Goiânia: ABDR, 2002.
7. FRAGA, Daiane Diedrich. O brinquedo Terapêutico no cuidado à criança com fibrose cística: o significado para o enfermeiro. 2005. 62 f. Trabalho de conclusão do curso de enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
8. GOLDIM, José Roberto. Manual de iniciação à pesquisa em saúde. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Dacasa, 2000. 179 p.
9. RIBEIRO, Patrícia de Jesus; SABATÉS, Ana Llonch; RIBEIRO, Circéa Amália. Utilização do Brinquedo terapêutico como um instrumento de intervenção de enfermagem no preparo de crianças submetidas a coleta de sangue. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 420-428, 2001.
10. RIBEIRO, Circéa Amália; ANGELO, Margareth. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 391-400, 2005.
11. ZAMO, Clair da Graça de Souza; ALMOARQUEG, Sheila Rovinski e SCHENKEL; Simone Schramm. O cuidado: terapia de enfermagem na pediatria. In: CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Paulo R. Antonacci. Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta à vida. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

CARDIOPATIAS CONGÊNITAS E A ENFERMAGEM: UMA ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES

Eliese Denardi César, Luciane Stanislawski de Souza, Roberta Mota Holzschuh, Eliane Tatsch
Neves

Universidade Federal de Santa Maria

eliese_denardi@yahoo.com.br

O nascimento de uma criança revela um momento de muita expectativa, ansiedade para a família do recém nascido, pois se traduz na materialização de vários meses ou até anos de sonhos e preparativos a espera de um bebê saudável. Quando estes familiares se deparam com o diagnóstico de alguma má formação congênita relacionado a um órgão, todo esse processo sofre uma ruptura devido a uma incerteza do crescimento e desenvolvimento normais dessa criança. Dentre os órgãos afetados pelas más formações, o coração é o que causa mais medo, apreensão e impotência nos familiares, uma vez que este é considerado o mais vital do corpo pela sociedade. As patologias que acometem o coração são denominadas de cardiopatias. Estas podem ser classificadas em congênitas ou adquiridas, sendo destacadas, neste estudo, as cardiopatias congênitas. Em virtude da necessidade de rapidez tanto nas condutas médicas, como nos cuidados de enfermagem prestados a criança com cardiopatia congênita, tão logo se suspeite do diagnóstico de defeito cardíaco congênito, bem como de uma assistência de enfermagem qualificada, surgiu o interesse em analisar o conteúdo das publicações nos periódicos de enfermagem sobre cardiopatias congênitas, sendo este o objetivo desse trabalho. Para alcançar o objetivo proposto, executou-se uma revisão de literatura por meio de um levantamento das pesquisas publicadas nas revistas indexadas nas bases de dados Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), no período de 2003 a 2007. Foram utilizadas terminologias incluídas nos Descritores de Saúde (DECS), sendo selecionadas como palavras chaves cardiopatias congênitas e enfermagem. Primeiramente foram encontrados onze (11) artigos, dos quais apenas seis foram utilizados na pesquisa, por estarem disponíveis na íntegra online. Sendo que um (1) publicado na Revista Latino-Americana de Enfermagem, dois (2) na Revista Escola